

A LUTA SINDICAL DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM PELOTAS, RS

CAROLINE CARDOSO DA SILVA¹; LORENA ALMEIDA GILL²;

¹Universidade Federal de Pelotas; Programa de Pós-Graduação em História –
card.karol@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas; Programa de Pós-Graduação em História –
lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente proposta de comunicação traz alguns balanços sobre o andamento da minha¹ pesquisa de Doutorado em História. O projeto de tese versa sobre o trabalho doméstico na cidade de Pelotas, no tempo presente. O marco teórico é a localização do tema dentro dos debates feitos a partir da história social do trabalho, e a principal fonte se dá na construção de narrativas sobre as trajetórias de vida, de trabalho e de lutas de trabalhadoras domésticas na Pelotas atual.

Essas narrativas são construídas a partir da metodologia de história oral e, até então, foram feitas atividades de trabalho de campo, identificação de fontes, e duas entrevistas com Ernestina Pereira, uma liderança sindical nacional relacionada à causa das domésticas.

De acordo com Bonez e Brites, (2019, p. 856) “o serviço doméstico está vinculado a condições desfavoráveis de classe, gênero, raça e nacionalidade. Consolidou-se no Brasil enquanto atividade extremamente estigmatizada por heranças coloniais e de escravidão”. Este processo de naturalização de características biológicas e de papéis socialmente construídos transformou a vivência das mulheres e, sobretudo, das mulheres negras, cujas vidas são marcadas por desigualdades de acesso a espaços sociais, políticos e econômicos, relegando a estas o papel privado, enquanto aos homens há a ampla participação em espaços públicos (MONTEIRO, ARAÚJO, MOREIRA, 2018).

No primeiro semestre do Doutorado, foquei as atividades no trabalho de campo feito no Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas e, a partir dessa atuação, um ponto se tornou evidente: a participação no sindicato e a construção de identidades. Tendo em vista que a área de concentração do PPGH

¹ O texto será escrito em primeira pessoa, pois traz reflexões e acúmulos do processo da pesquisa.

UFPel é em Fronteiras e Identidades, há a realização de uma análise prévia dessa discussão.

2. METODOLOGIA

A construção de memórias, relatos e narrativas se dá, nessa pesquisa, por meio da metodologia de história oral. Em linhas gerais, a história oral consiste em “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais” (DELGADO, 2010, p. 15). Meihy (2006) argumenta que a história oral na América Latina vem junto com a democracia, já que há necessidade de entendimento e de debate sobre os temas envolvendo as ditaduras militares pelas quais os países sobretudo do ConeSul passaram.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A identidade, ou construção da, e os processos de identificação enquanto trabalhadoras domésticas é uma das reflexões que venho fazendo dentro da pesquisa de doutoramento. Na primeira entrevista que realizei com Ernestina Pereira, em 2018, ela já era uma liderança sindical da causa das domésticas a nível nacional e, na época, ocupava o cargo de Vice-Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas. A segunda entrevista feita com Ernestina, em 2022, versou, sobretudo, nas trajetórias de lutas da categoria e seu percurso pessoal. Na data da entrevista, ela estava ocupando o cargo de Diretora de Formação e, em sua narrativa, ela retomou nomes de importantes lideranças do movimento de lutas pelos direitos das domésticas, como Iolanda Prestes da Rosa, pelotense, e Laudelina de Campos Melo, liderança pioneira nacional. Em outras conversas informais que tive a oportunidade de realizar com ela, em espaços de pesquisa de campo, ela citou figuras políticas importantes do cenário nacional, como Benedita da Silva e Marina Silva, mulheres negras que representam as pautas trabalhistas e, também, identitárias por serem mulheres negras.

Sobre o debate de identidades, Pollak (1992, p. 2) pensa sobre questões da memória e identidades sociais:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Em um estudo sobre as classes trabalhadoras em Pelotas e Rio Grande, Loner (2001, p. 26) desenvolve o argumento sobre a identidade coletiva ser um dos pontos interessante para pensar sobre os agrupamentos de trabalhadores

Não se pretende imputar ao operariado qualquer finalidade ou objetivo previamente determinado. Isso não significa considerar que ela não tenha interesses próprios, o que, aliás, faz parte da própria formação da classe, ou que estes não se consolidem sob a forma de propostas políticas (...). Significa apenas não aceitar um devir histórico único, imputado à classe e em relação ao qual sejam julgados seus atos ou expresse seu grau de "consciência de classe". Para evitar a referência acima assinalada, preferiu-se utilizar o conceito de identidade coletiva, o qual se adequa melhor as necessidades do estudo.

A identidade versa sobre noções interdisciplinares, sobretudo, relacionadas à Antropologia, Psicologia e Sociologia. Trata sobre um tema muito presente em produções historiográficas principalmente pós a virada cultural dos anos 1990 e debate a construção das identidades sociais e processos de identificação, entre outros elementos.

4. CONCLUSÕES

O trabalho doméstico atual, presente na sociedade, remonta aos arranjos da escravidão, que passam por desvalorizações pela herança de um país que aboliu a escravidão, mas não deu as mínimas condições para que essa nova classe trabalhadora assalariada que se construiu, tivesse uma mobilidade econômico-social para sair da condição de subalternidade. A atual fase da pesquisa está em aproximações e percepções de campo na atuação dentro do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas, com o fim de criar um contexto favorável à realização de entrevistas com as pessoas, que são basicamente mulheres negras, que são filiadas e ali convivem para além da pauta trabalhista, pois há espaços de sociabilidades. O diário de campo já conta com cerca de oito encontros que

renderam ricas experiências, entre idas ao plantão oferecido no sindicato para orientações jurídicas, além da participação de espaços de sociabilidades.

Para além do universo que circunscreve o Sindicato, há o planejamento de realização de entrevistas com todas as trabalhadoras domésticas que cruzarem pela pesquisa de alguma forma, abrindo o leque de contatos e, também, de análises, já que todas as experiências e trajetórias contribuem para a reflexão maior sobre o que é o trabalho doméstico em Pelotas e no Brasil, no tempo presente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONEZ, M. C.; BRITES, J. G.. O trabalho de cuidado no sindicato das trabalhadoras domésticas de Pelotas, RS. Século XXI: **Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 854-875, 30 jul. 2020. Universidad Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2236672537558>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

DELGADO, L. de A. N.. **História Oral**: Memória, Tempo, Identidades. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

LONER, B. A.. **Construção de Classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001.

MAEDA, P.. Direito do trabalho doméstico no Brasil: a luta contra a persistência das desigualdades. **Anamatra**. 2022. Disponível em: https://www.anamatra.org.br/images/ComissaoMulheres/Documentos/Direito_do_trabalho_dom%C3%A9stico_no_Brasil_Patricia_Maeda.pdf . Acesso em 06 janeiro de 2023.

MEIHY, J. C. S. B.. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História** 155, n. 2º, São Paulo, 2006, p. 191-203. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/313776830_Os_novos_rumos_da_historia_oral_o_caso_brasileiro>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

MONTEIRO, R. P.; ARAÚJO, J. N. G. de; MOREIRA, M. I. C.. Você, dona de casa: trabalho, saúde e subjetividade no espaço doméstico. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 13, n. 1, p. 1-1, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000400002. Acesso em: 15 dez. 2022.

POLLAK, M.. “Memória e identidade social”. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>>. Acesso em: 09 de agosto de 2023.